

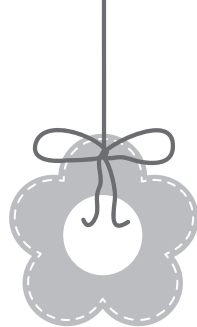
Sarah Butler

Dez
coisas
que aprendi
sobre o
amor

TRADUÇÃO:

PAULO POLZONOFF JUNIOR





Dez coisas que direi para meu pai

- 1) *Conheci um homem em Cingapura que tinha o mesmo cheiro que você — fumaça de cigarro e camurça.*
- 2) *Eu me lembro daquele feriado na Grécia — ruínas intermináveis e você tendo de explicar a diferença entre coluna dórica, jônica e coríntia vezes sem fim.*
- 3) *Queria que você falasse mais sobre a mamãe. Queria que você tivesse guardado algo dela.*
- 4) *Ainda tenho o livro que você comprou para mim no meu aniversário de 10 anos, quando eu queria ser astronauta — “Uma Viagem pelo Sistema Solar”.*
- 5) *Sei que você esperava que ao menos uma de nós fosse médica, como você.*
- 6) *Tenho um sonho recorrente. Estou do lado de fora da sua casa. Há uma festa; posso ouvir as pessoas conversando e rindo lá dentro. Toco a campainha e você demora um século para atender.*
- 7) *Fui eu quem roubou a fotografia do seu estúdio.*
- 8) *Eu costumava espiá-lo — observá-lo cuidando do jardim ou sentado na sua poltrona; ou à sua mesa, de costas para a porta. Sempre queria que você se virasse e me visse.*
- 9) *Desculpe por ter estado distante.*
- 10) *Por favor, não...*

Meu pai mora sozinho numa luxuosa casa perto de Hampstead Heath. As casas ao redor são grandes e arrogantes, com entradas de garagem que parecem longas línguas, suas cercas vivas altas apenas o suficiente para que as pessoas não vejam o que há lá dentro. Todas têm grandes janelas e pesadas cortinas, glicínias e clematites.

Entrei na fila para apanhar um táxi do lado de fora do desembarque e fumei três cigarros durante a espera. Quando finalmente chegou minha vez, entrei no carro e me percebi tonta e enjoada com a nicotina. A motorista toca o Réquiem de Mozart. Quero pedir a ela que desligue o som, mas não sei como explicar, por isso alongo as pernas no lugar onde deveria estar minha bagagem, apoio a cabeça na porta e fecho os olhos. Tento me lembrar da cor exata da minha bagagem: é uma espécie de azul-marinho sujo — eu a carrego comigo há anos; deveria saber de que cor é. Dentro dela estão calças jeans, shorts, vestidos e um traje à prova d'água. Dez pacotes de cigarros russos. Um par de chinelos bordados para Tilly. Máscara. Um batom quase no fim. Uma pedra quase perfeitamente esférica que peguei para dar a Kal e depois me amaldiçoei por chorar. Um *Rough Guide to India* sem uso. Uma lanterna de cabeça. Uma fotografia de todos nós, incluindo minha mãe, de uma época de que não me lembro: é a única coisa pela qual eu sofreria se perdesse.

Chegamos cedo demais. Pago a motorista e saio para a rua. À medida que ela se vai, tenho vontade de erguer a mão e dizer “pare, mudei de ideia, vamos para algum lugar, qualquer lugar”, e depois me sentar na poltrona de novo e observar Londres da janela.

São onze passos até a casa do meu pai. No fundo, duas árvores parecendo doentes em vasos azuis. Uma enorme árvore obscurece boa parte da janela da frente, mas ainda procuro por ele sentado no sofá, um cigarro virando cinza numa das mãos. Ele não está lá. Meu estômago dói; minha boca tem sabor de pó e sono. Tiro uma folha de uma das árvores dos vasos — pintadinha de amarelo — e a rasgo.

A porta da frente da casa do meu pai é pintada de um castanho-avermelhado escuro, como sangue que secou. Dois painéis de vidro jateado — emoldurado por uma delicada trepadeira verde — não revelam muito do que há lá dentro.

Quando tinha treze anos, ele me levou para a escola em Dorset. Eu me lembro de voltar para casa depois do primeiro semestre. Ele tinha de trabalhar, por isso Tilly me pegou, seus dedos nervosos no volante, sua novíssima carteira de motorista guardada no porta-luvas. Parei no último degrau, olhando para o mesmo botão de metal da campainha que estou vendo agora, enquanto Tilly procurava suas chaves. Pensei em como a porta não parecia nossa porta da frente e apertei a campainha para ver como ela soaria do lado de dentro.

Pego um cigarro do meu bolso, mesmo que não haja tempo a perder. O isqueiro resvala no meu dedo. Inalo rápido demais e tusso — uma tosse magra de fumante —; coloco minha mão contra o peito.



Dez maneiras como as outras pessoas podem me descrever

- 1) Vadio.
- 2) Preguiçoso.
- 3) Sem-teto.
- 4) Azarado.
- 5) Insone.
- 6) Sem posses.
- 7) Escória.
- 8) Marginal.
- 9) Incompreendido.
- 10) Perdido.

Sou um velho de coração meloso, não há outra maneira de descrever. E a verdade é que me sinto mais em casa aqui — à beira do rio, onde há lama e confusão — do que nos quarteirões chiques como o do Tube, com suas telas reluzentes e seus seguranças.

Eu ando por aí. É o mais próximo que chego de qualquer espécie de estratégia. A cada lugar, eu imagino você. Não tenho muita coisa para dizer, apesar de haver coisas que eu possa citar — a cor do cabelo, a altura, a idade. Sei seu nome; poderia ligar para você e observá-lo virar. Ficaríamos aqui e deixaríamos os ciclistas passarem correndo, ouvindo as barcas batendo umas nas outras como sinos, e conversaríamos.

Na semana passada, quando achei que estava morrendo, só conseguia pensar em você. Não é fácil pensar em mais nada quando você sente como se houvesse um velho sentado sobre seu peito, mas você me atraiu — sempre me atraiu.

Aconteceu rio acima, no Embankment, em frente à Casa do Parlamento: o pedaço do hospital com sua amurada alta, onde as extremidades dos bancos são esculpidas com carinhas de pássaros, sentado em pilhas de tijolos de modo que você pudesse ver do outro lado do rio. Eu andava para o oeste, com um vago plano de ir até a ponte Albert encontrar um lugar para passar a noite em uma esquina tranquila de Chelsea. Os policiais são difíceis lá, mas, se você conseguir se esconder, às vezes eles o deixam em paz. Estava apenas caminhando. O médico disse que a irritação emocional pode despertar tudo, mas não tenho certeza se estava irritado naquele dia; não naquele dia em particular.

Apoiei-me na parede e levei ambas as mãos ao peito, lágrimas nos olhos como se eu fosse uma criança, e não um homem se aproximando dos sessenta e ainda capaz de sobreviver nas ruas. Esperava que você estivesse ali, que tivesse parado e perguntado se eu estava bem, mas você não estava; de qualquer modo, estou acostumado às pessoas não prestarem atenção. Levantei-me e olhei para o rio e pensei em você e em como, pelo que sei, você já está morto. O mundo está cheio de perigos. Acidentes de carro. Facas. Aneurismas. Câncer. Continuei olhando para o rio, pensando no que poderia ter sido e com medo de cair morto a qualquer instante. Acho que não é de surpreender que eu o tenha perdido; não

pretendo gritar e espernear — não faz o meu tipo e, de qualquer modo, quando você vive como eu vivo eles chamam de circunspeção manter a cabeça abaixada. Não, eu só murmuro como um bebê.

Não me leve a mal, não sou sempre assim. Gosto de uma bebida e um trago. Gosto de me deitar no pavimento e olhar as estrelas. Só achei que estava tendo um ataque cardíaco; achei que morreria sem encontrá-lo.

Penso nela também, com seu nome escarlata. Saímos uma vez — um fim de semana em Brighton —, um tempo arrebatador, perfeito. Tomamos sorvete e comemos peixe e batatas fritas. Nós — parece errado dizer isso para você —, mas nós fizemos amor num hotelzinho barato com vista para o mar.

Estou mentindo quando digo que foi perfeito. Foi cinzento e triste. Fiquei com raiva: palavras duras no quarto alugado. Assim os olhos dela se fechavam e seus lábios se enrijeciam. Acho que era difícil para ela também.

Uma vez que tenha me apaixonado, acho quase impossível me desapaixonar; aprendi isso sobre mim mesmo. Não é algo que torne a vida mais fácil.

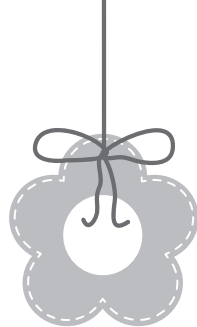


Não gosto de médicos, mas, depois daquilo no Embankment, me obriguei a ir. O consultório tinha cheiro de carpete novo — doce e ríspido. Sentei-me perto de uma mulher com seus quarenta anos e ela se levantou e foi para o outro lado da sala. Tento não deixar que essas coisas me incomodem. Peguei uma pilha de jornais e comecei a procurar por você. Nada.

O nome da médica tinha a cor de arenito banhado pelo sol. Ela tinha belos olhos, e suas mãos, quando ela me tocou, eram macias e frias. É normal estar irritado, disse ela, é assustador; na primeira vez, todos acham que vão morrer. Chorei novamente, lá naquela salinha com uma maca sobre a qual havia uma folha de papel. Ela sorriu e me deu um lenço. Foi o toque dela ou o negócio com meu coração ou a mulher na sala

de espera o que me emocionou, e suspeito que ela soubesse disso. Ela me fez todas as perguntas que os médicos fazem a um homem como eu, as quais, acho, nunca são as perguntas que importam.

Ela deu um nome a isso: angina, frio como gelo, do início ao fim. Ela me mostrou um frasquinho vermelho e me disse que ajudaria — um rápido borrifo sob a língua e eu não me sentiria pressionado contra a parede, agarrando o peito. Peguei a receita e saí. E continuei fazendo o que fazia havia anos. Escrevi seu nome mais vezes do que sou capaz de lembrar. Sempre, no começo, escrevo seu nome.



Dez coisas que sei sobre minha mãe

- 1) *O nome dela era Julianne — pronunciado como se ela fosse francesa, o que não era.*
- 2) *Ela era bonita (encontrei uma fotografia no estúdio do meu pai, deles dois e de nós três. Estou segurando na mão dela e olhando-a. Peguei a foto ao ir para a escola e ele nunca mencionou isso. Está na minha mochila, que eu perdi).*
- 3) *Meus cabelos são da mesma cor que os dela.*
- 4) *Meu pai a amava — ele nunca mais encontrou ninguém.*
- 5) *Ela nem sempre pensava antes de agir. Sei disso porque, aos catorze anos, subi numa árvore em Hampstead Heath usando sapatos simples, sem sola emborrachada. Subi alto demais, caí e quebrei a perna. A caminho do hospital, o papai disse: “Você é como sua mãe, Alice. Você não consegue parar e pensar cinco minutos sobre o que poderia acontecer?”.*
- 6) *Depois que ela morreu, o papai reuniu tudo o que tinha a ver com ela — incluindo as almofadas azul-turquesa e douradas que Tilly e Cee tanto adoravam — em sacões pretos de lixo e sumiu com eles de carro. Ele nunca os trouxe de volta.*
- 7) *No verão, ela ficava com pintinhas nas bochechas e nos ombros, do mesmo modo que eu (meu pai me contou isso e depois se ruborizou como eu nunca vira antes. Eu não soube o que dizer).*
- 8) *Ela e o papai discutiam muito (de acordo com Cee; Tilly diz que não se lembra, mas ela sempre fica em cima do muro).*
- 9) *Ela estava dirigindo um Citroën GSA. Ela tinha carteira de motorista havia cinco meses e vinte e um dias. O veredicto foi morte acidental, o que soa acidental demais para o meu gosto.*
- 10) *Se não fosse por mim, ela não estaria dirigindo.*

O câncer é no pâncreas do meu pai. Cee me contou pelo telefone — comigo na recepção de um albergue em Ulan Bator, ela no corredor do papai, a linha cheia de estática. Nem mesmo sei o que é o pâncreas, mas nunca vou admitir isso para Cee.

Cee acha que eu sou um caso perdido. Você está desperdiçando seus talentos, ela me diz, voando para o outro lado do mundo num piscar de olhos. O tempo vai pegá-la, me diz ela — e o que ela quer dizer é que eu deveria ter filhos antes que meus ovários sequem. Você fez a coisa certa com Kal, mas precisa começar a pensar em se acomodar, diz ela. O pó se assenta, o sedimento se assenta — mas eu não digo nada. O que havia de errado com Kal, pergunto. Ela apenas suspira, como sempre faz, daquele jeito que me faz sentir como se eu tivesse cinco anos de novo.

Apago meu cigarro e aperto a campainha. É Tilly quem atende, e eu sou grata por isso. Ela está usando calça jeans e uma volumosa camiseta alaranjada. Seu rosto parece cansado e pálido. O corredor estende-se em quadrados pretos e brancos atrás dela, e eu me lembro de nós duas brincando de amarelinha, rindo do frio das lajotas na sola dos pés.

— Alice. — Tilly estende os braços. Ela é macia como um marshmallow. Apoio minha testa por um instante contra seu peito e sinto o cheiro ameno de seu perfume. Cee está descendo pelas escadas. Sapatos branquíssimos, calça preta de linho e uma camisa turquesa sem mangas. Seu cabelo parece recém-cortado — pintado num tom de vermelho. Ela tem os olhos do nosso pai, um tom marrom-escuro de compostagem. Disseram-me que tenho os olhos da minha mãe.

Não vou chorar. Eu me afasto de Tilly. Cee está de pé com um copo vazio na mão, a pele avermelhada sob a maquiagem.

— Você deveria ter ligado — diz Tilly. — Eu teria pegado você. Estou com o carro aqui e é horrível ficar sentada num táxi ouvindo porcarias.

— Estou bem — eu falo. Ficamos ali, estranhas, em silêncio. Olho para as escadas.

— Ele está dormindo — avisa Cee, e eu sinto um tom familiar de raiva. Estamos todas muito próximas. Não é um hall de entrada estreito, mas tenho dificuldades para respirar.

— Como foi seu voo? — pergunta Tilly. — Dei uma olhada... quase sete mil quilômetros. Não é incrível?

A coisa de que mais gostei na Mongólia foi o horizonte — o mais vasto que jamais vi; terra e céu infinitos. Fecho a porta da frente. Havia esquecido como ela fica emperrada.

— Você tem que... — começa Cee.

— Eu sei. — Puxo-a na minha direção, levanto a maçaneta e a fecho.

Cee olha minha bagagem — uma pequena mochila preta — e depois me olha.

— É tudo o que você tem?

Imagino o setor de bagagens — luzes fluorescentes, filas de carrinhos, a borracha preta gasta da esteira. Fiquei de pé esperando minha mochila aparecer. As pessoas pegavam suas bagagens e desapareciam. Esperei até que houvesse somente quatro coisas dando voltas na esteira: duas malas duras, um pacote comprimido envolto em papel-jornal e fita adesiva e uma mala rosa com fitas gastas. Esperei até que a tela anunciasse outro voo e cidade e um novo grupo de pessoas se reunisse. Um novo conjunto de malas começou a aparecer. Pensei em pegar uma delas e sair andando, mas não fiz nada disso.

— Vou subir — anuncio, e passo por elas, mantendo-me perto da parede para que nossos corpos não se toquem.

— Alice, ele está dormindo. — Cee coloca a mão no meu braço.

Livro-me da mão de Cee.

— Não vou acordá-lo.

Subo quatro degraus. A escada pintada de branco, o tapete vermelho no meio preso por varinhas de latão. Kal riu disso na primeira vez que veio aqui — um interminável almoço de domingo. Eu me sinto importante toda vez que vou ao banheiro, disse ele, e eu ri, porque nunca tinha pensado naquilo antes. Queria que ele estivesse ao meu lado, segurando meu braço. Ainda tenho o número dele no meu telefone. Às vezes simplesmente fico sentada, olhando para ele.

— Alice. — É a voz de Tilly. Seu rosto se contorceu numa careta de raiva. — Só... — Ela une as mãos. — Só esteja preparada, querida.



O quarto do meu pai fica na parte da frente da casa, no primeiro andar. Ele tem duas janelas altas que dão para a rua, sobre o topo da parede de tijolinhos vermelhos no lado oposto e com o jardim atrás. Abro a porta o mais silencioso que posso e entro. As grossas cortinas verdes estavam fechadas e a luminária próxima do sofá lança um círculo amarelado sobre o carpete. Não quero olhar para a cama. Olho para o armário: os triângulos em miniatura de madeira pálida esculpida nas arestas, o espelho oval, os puxadores de metal. Olho para o horrendo teto rosa e seu candelabro de pobre com seis velas falsas em suportes empoeirados.

Certa vez, Cee me disse que, antes de eu nascer, na outra casa, ela e Tilly podiam entrar no quarto dos nossos pais nos sábados pela manhã. Elas costumavam se enfiar entre o papai e a mamãe e exigir que contassem histórias. Depois das histórias, se nosso pai não estivesse trabalhando, ele se levantava, colocava o roupão sobre o pijama azul e descia. Tilly e Cee rolavam pelo espaço quente que ele deixava, aguardando por seus passos nas escadas e o bater de uma bandeja. As histórias e o café das manhãs de sábado terminaram depois que nos mudamos e eu cheguei. Quando perguntei por que, Cee simplesmente fechou a boca e deu de ombros, como se de algum modo fosse minha culpa.

O quarto tem cheiro de pele e suor. Está quente demais. Apoio as mãos nas costas do sofá e fico ouvindo: um barulhinho dos canos de água; um passarinho cantando para seu par do lado de fora; o som do meu pai, respirando.

A última vez que o vi foi alguns dias antes de voar para Moscou. Jantamos num novo restaurante espanhol no South End Green. Tapas; um exuberante vinho tinto. Há uma recessão a caminho, Alice, disse ele, não sei se é a melhor hora para abandonar seu emprego. É simplesmente tentador, eu disse, e tenho minhas economias. Preciso sair daqui. Você sempre precisa sair daqui, disse ele, por quê? Contei-lhe sobre Kal, mas isso não explicava as outras vezes. Tento me lembrar agora se ele parecia pálido ou magro, se parecia doente ou preocupado. Não me lembro.

O homem na cama não se parece com meu pai.

Meu pai tem traços firmes, um queixo quadrado, sobrancelhas espessas. Ele é um homem grande: alto, não gordo, mas volumoso. Seus ombros são largos, seu peito, sólido. Quando ele o abraça — o que não é com frequência, mas também não é nunca —, você pode sentir a força de seus braços. Este homem é pequeno demais para ser meu pai.

No chão à direita da cama há uma caixinha branca e azul. Um tubo fino sai da caixa e entra por debaixo do lençol que cobre o homem na cama. Um segundo tubo termina num daqueles saquinhos plásticos que se veem em hospitais, meio cheio de um líquido amarelo.

O homem na cama respira como um velho. Seu rosto é magro, a pele rente à forma de um crânio que não reconheço. Há uma cadeira no lado esquerdo da cama. Alguém deve tê-la trazido da sala de jantar. Parece errada ali, com suas costas altas e seu assento acolchoado. A sala de jantar também deve parecer fora de sincronia, sem uma cadeira.

Ao me sentar na cadeira, ela range alto. Eu me mantenho imóvel. Ele não acorda. Quero tocar sua mão, mas ela está sob o lençol, por isso fico sentada olhando para meus próprios dedos — pilhas de anéis de prata, as unhas roídas demais.

— Acabei de entrar — digo. Minha voz parece fina, desequilibrada. — Da Mongólia. Acabei de chegar. — Sinto uma onda repentina de fadiga. — Não sei nem mesmo que dia é hoje. — Rio, mas isso parece errado, então paro. — Vim o mais rápido que pude, o celular ficou sem sinal durante uma semana... mais do que isso. — Seus cabelos estão desgrehnados contra o travesseiro; seus lábios, secos e rachados. Posso sentir a respiração profunda no meu peito. Quero chorar. Quero me deitar no chão e fechar os olhos. Quero fugir.

— Vim assim que recebi as mensagens.

Eu me lembro de estar sentada no banco de trás de um jipe na Mongólia, com um casal de suecos e um cara da Palestina, meu celular inutilizado e esquecido no fundo da mochila, a estrada — mal era uma estrada — nos jogando para a frente e para trás, e ao nosso redor o nada. Apenas quilômetros e quilômetros de nada. A alegria disso.

— Está tão escuro aqui, papai. Não acha que está escuro demais? — Eu me levanto e abro as cortinas. Começou a chover, finas linhas de água

do outro lado do vidro. — Estou vendo que é outro belo verão inglês, hein? — eu comento.

— Alice?

Dou meia-volta.

— Papai? — Fico onde estou, com uma das mãos na cortina. Queria não tê-las aberto. A luz revela a forma de seu rosto, criando sombras profundas nas reentrâncias da pele, que tem uma cor errada, amarela demais. — Papai. Como estão...

— Horríveis. — Parece que ele está com gripe, frieza e rouquidão.

— Meu telefone estava sem sinal — digo. Ele tosse e vejo seu rosto ficar tenso de dor. — O que posso fazer? O que posso conseguir para você?

Ele vira a cabeça para a esquerda.

— Isto? — Caminho até a mesa de cabeceira e pego um palito de madeira com um cubo rosa na extremidade.

— Mergulhe... no copo — pede ele.

O copo contém uma camada fina de líquido rosa. Mergulho o cubo e entrego o copo a meu pai. Ele leva a esponja à boca. Posso ver todos os ossos sob sua pele. Talvez aprendamos sobre o pâncreas na escola. Tenho a sensação de que é de um vermelho-escuro, que ele se afunila numa das extremidades. Não lembro o que ele faz.

— Sinto muito... por arruinar... suas férias — diz ele. Ele toma fôlego a cada poucas palavras. A esponja rosa cai sobre o lençol e mancha o algodão. Eu a pego e a coloco de volta na mesa de cabeceira.

— Eu não estava de... — paro, sento-me na cadeira da sala de jantar e cruzo as pernas. Não sei o que fazer com as mãos, por isso as escondo sob as coxas. As arestas dos meus anéis cravam a pele. — Sabe que na Mongólia ninguém é dono da terra? Não há cercas — comento.

— Aquele homem... foi com você?

— Kal?

— O indiano.

— Ele é britânico. Eu lhe contei, papai, nós nos separamos. Eu lhe contei isso. — Levanto-me e vou até a janela, apoiando a cabeça contra o vidro. Ele está frio. Eu me imagino sentada com Kal do lado de fora de uma iurta, observando o sol transformar a terra num rosa-alaranjado.

— Há águias também — acrescento. — Grandes águias ao lado da estrada... quando há uma estrada. Elas têm enormes garras. Podem matar um camundongo com elas.

Eu o ouço se mover e me volto. Ele está me olhando. Os olhos amarelados.

— Você sabe... que eu amo... você — diz ele. — Tanto... quanto as outras.

Agarro-me à cortina e a aperto. É como se houvesse algo de pesado em meu estômago, maior até do que ele. Ouço sua respiração raspar a garganta. O cano de água parou de pingar.

— É importante. Sempre... disse... à sua mãe... que era importante.

— O quê?

— Que você... soubesse... que você soubesse... disso.

Ele costumava me comprar um docinho de menta em forma de ratinho da Thorntons todas as sextas-feiras à tarde. Não sei por que me lembro disso agora, mas me lembro: o barulhinho da embalagem, a alegria de comer o nariz — chocolate amargo e menta doce.

Não falamos. Suas pálpebras tremem e se fecham e sua respiração se transforma num ronco fraco. Aproximo-me da cama e olho para ele.

— Por favor, não — sussurro. — Por favor, não.

Alguém bate na porta. Espero que seja Tilly ou Cee, mas é uma enfermeira, uma mulher baixinha usando calça azul e uma camisa larga também azul.

— Você é Alice — diz ela. — O sr. Tanner me contou tudo sobre você.

— Mesmo?

Ela passa correndo por mim.

— Dormindo novamente — comenta ela. — Vamos mudar isso, sim?

— Eu me afasto da cama. Ela pega o saco plástico e levanta o lençol. — O senhor abriu as cortinas hoje, sr. Tanner? Isso é ótimo, não é, um pouco de luz. E sua filha está aqui, isso é especial.

— O que ele disse? — pergunto.

— Ele está dormindo agora. — Ela nem sequer fala mais baixo. Posso ver o corpo do meu pai; magro sob os pijamas de algodão.

— Quero dizer, a meu respeito.

Ela gira uma válvula no saco plástico e começa a tirá-lo do tubo. Observo o líquido amarelo escorrer pelas laterais.

— Tenho que... — Aceno na direção da porta.

Ela nem sequer me olha.

— Claro que tem, querida. Que bom que você está aqui, ele estava ansioso por isso.

Fecho a porta atrás de mim. O corredor tem o mesmo cheiro de sempre — madeira encerada com um quê de fórmica. Subo as escadas rumo ao sótão, mas Tilly me impede.

— Você conheceu Margaret? — pergunta ela.

— A enfermeira?

— Ela é boa.

— Sim.

— Cee preparou chá.

Kal costumava chamar Tilly e Cee de “os Termos e Condições”. Como estão os Termos e Condições, perguntava ele sempre que eu voltava de uma reunião de família. Ansiosas e irracionais, eu dizia, e ríamos, sempre.

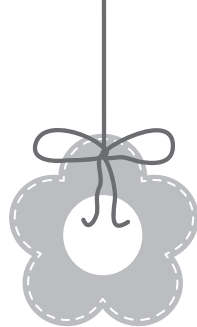
— Eu gostaria de... — olho em direção ao sótão.

— Ah, Alice. — Ela me abraça, meus braços colados ao corpo.

— Ele entende, né? Sobre meu celular. Sobre não ter sinal. Tilly? Ele não acha... — Eu me afasto dela e fico olhando para a parede de madeira diante de mim. Parece suja e velha. — Só não quero que ele pense...

— Preparei biscoitos — diz ela. — Aqueles de aveia. — São os preferidos do papai. Eu o imagino deitado na cama, ouvindo Tilly na cozinha, o cheiro dos biscoitos subindo as escadas e entrando no quarto dele.

— Mostre-me o caminho, Capitão. — Levo os dedos à testa numa saudação de mentira. Tilly sorri, vira-se e segue à minha frente escada abaixo.



Dez coisas que descobri que evocam seu nome

- 1) Um livro na biblioteca Newington com uma capa cor de gelo.
- 2) Uma fileira de canecas pintadas de dourado, numa vitrine em Camden Town.
- 3) A tiara de plástico rosa de uma criança na confusão da estação Euston.
- 4) Um estudante com os braços em volta de uma árvore na Southwark Bridge Road – azul-marinho.
- 5) Fatias finas de ardósia cinza, daquele novo quarteirão comercial na Angel.
- 6) Um caco de vidro azul-claro na amurada do rio, Cremorne Gardens, Chelsea.
- 7) Um bracelete de ouro falso, a pintura se desfazendo nas extremidades, fora da estação Battersea Park.
- 8) Um balão estourando – rosa, a borracha fina como a pele – na rampa que dá acesso ao Tate Modern.
- 9) Um floco de tinta azul-escura de um mural na Elephant Road, perto da estação.
- 10) A extremidade do cinto de couro cinza-escuro, com as laterais gastas, no carro parado em Waitrose, Balham.

Hoje meu coração está forte. Sigo a forma do rio, procurando cores. Desde que eu seja discreto, ninguém dará muita atenção a um velho enchendo os bolsos com porcarias. Há pessoas na minha situação que ficam no mesmo lugar, que desenham uma linha invisível ao redor de si mesmas e não a ultrapassam, mas não sei onde você está, por isso continuo me movendo.

Cada letra tem uma cor. Não sei se é a mesma coisa para você. Não tenho certeza se você entenderá, mas não penso muito nisso. Aqui, perto do sinal de perigo de inundação — uma embalagem de doce azul-clara ainda grudada de açúcar. A letra A é da cor da água gélida. Aqui, perto do prédio sem janelas, um único brinco dourado. L é dourado. E, perto do quebra-mar, um laço rosa e uma filipeta azul. I é rosa-avermelhado. C é azul-marinho. E é cinza-escuro — peguei uma pedrinha com a forma de uma ponta de flecha.

Há um iate clube, já não tão novo, que se deita sobre o rio como uma mulher levantando a saia da água. Arranjo as cores da melhor maneira possível, no caminho perto do portão de entrada, e depois sigo adiante. Do outro lado da esquina há uma praia cheia de tesouros.

Gostaria de encontrá-la aqui, ficar ao seu lado com a sujeira da cidade aos nossos pés. É um bom lugar para cores. Aqui: o cinto alaranjado manchado pelo sol; um pedaço de plástico com o tom exato de roxo; um pedaço de pano tão claro que o azul é quase branco; um pedaço verde de corda. Mais para baixo há vidro e cerâmica. Uma garrafa queimada, o vidro preto. Mais para baixo ainda há pedra, metal e tijolos quebrados. Pregos tão enferrujados que se soltam. Se você bate neles assim, forte, pode quebrar a camada alaranjada de ferrugem e ver a forma por debaixo. Encontro uma pederneira, o canto volumoso como o nó dos dedos. Magnólia, em meio a pedaços de papel.

A primeira letra de cada palavra expressa sua cor; você ainda pode ver o restante, só que mais fraco. Então é bom que o cinto alaranjado seja o maior; não é fácil encontrar o equilíbrio certo. Cinco buracos envoltos em metal. Faço mais dois. Há mais algodão e fios nesta cidade do que você imagina — uso-os para unir as palavras. Eu os coleto enquanto ando, enrolando-os numa bola multicolorida que mora no bolso da di-

reita da minha jaqueta; não o mesmo do retrato — aprendi a cuidar das coisas que importam.

Desço até uma velha enseada para descarregamento de barcos, passo por uma bota de couro, estilo caubói, com laços laterais, um pedaço faltando da sola como se alguém tivesse mordido. A água tem cor de aço. As luzes vermelhas piscam melancolicamente no alto de Canary Wharf e os blocos espelhados refletem um céu sem cor. Tem sido um verão úmido: consigo sentir a chuva acumulada em meus ossos; minhas botas sofrem.

Aperto o cinto, com cuidado para não parti-lo, depois me abaixo — algo que fica mais difícil de fazer, você descobrirá isso um dia — e o coloco na água. Por um instante, acho que ele afundará e estou pronto para pescá-lo, mesmo que isso signifique um ou mais dias de botas molhadas. Ele hesita, depois pega a corrente e segue seu caminho. Eu observo e penso numa imagem que vi certa vez, um frenesi de linhas pretas finas: um mapa mostrando vinte e quatro horas de trajetos de ônibus num raio de um quilômetro a partir da estação de Waterloo — pelo menos era isso que dizia a etiqueta. Era mais belo do que você pode imaginar.

Ao me virar vejo um coco com pele hessiana, perto da amurada. Imagino um menino no deque da balsa, mexendo no coco com mãos que um dia estarão marcadas por vento, sal e vida, mas que agora têm uma pele tão macia quanto a da orelhinha. Imagino-o jogando o coco de uma mão para a outra, sentindo o arranhão e a agradável curva da forma. Ele surge dos intestinos do navio, para longe do ruído das caldeiras e do barulho da carne contra as madeiras de corte, a luz das facas e as palavras duras de seus colegas. O vento limpa o suor de sua testa, brinca com seu cabelo como sua mãe costumava fazer, e ele se lembra repentinamente de um aparador de madeira arranhado, rosas vermelhas de plástico num vaso de latão, poeira acumulada entre as pétalas. Ele deveria estar na cozinha empunhando o martelo para despedaçar o coco. Em vez disso, porém, fixa os olhos no horizonte — um tom de azul quase igual ao do céu —, ergue o braço direito e joga o coco.

Equilíbrio o coco numa pedra e o abro. Nunca fui de economizar coisas. Talvez seja herança do meu pai. Ainda assim, isso me é de boa serventia atualmente — hesite, e alguém o tirará de você. Não gosto muito

de coco, mas como ele todo. Fiapos ficam presos entre meus dentes e tenho de tirá-los com a unha. Depois, volto ao barranco e coloco cada pedaço da casca na água. Eles flutuam como minúsculos barcos até o mar.



O problema com as cidades, ao menos com cidades como esta, é que é quase impossível descrevê-las. Não que eu não tente, só que não é nada simples.

Em geral, não falo sobre você para as pessoas, nem sobre o texto. A última vez que falei sobre isso foi para um homem que não via fazia muito tempo, um homem que bebia sidra barata enlatada. Ele me perguntou como eu sabia que você estava aqui em Londres. Como você sabe que ela não está em Milão ou Dubai, Paris ou Tóquio, perguntou ele, Manchester ou Roterdã, Barnsley ou Nova York? Ele continuou por um tempo, citando o nome de todas as cidades nas quais podia pensar, olhando para cima como se visse os lugares ocultos entre as telhas sujas. Ela pode não estar em cidade alguma, disse ele. Pedi que ele parasse, mas ele não parava, por isso me levantei e saí do hall da igreja, com seu piso laminado e seus quadros de aviso de feltro, suas longas mesas dobráveis e cadeiras plásticas.



Eu lhe envio um cartão de aniversário todos os anos. Não sei o dia exato, mas posso fazer uma boa estimativa. A coisa mais difícil é o envelope: todo aquele espaço em branco. Escrevo seu nome — tenho isso, ao menos —, mas não tenho o endereço. Coloco-o numa caixa do correio e sonho, nessas noites, com o envelope sendo colocado numa caixa de correio e você se aproximando dela.